

O aspecto gráfico é fraco.

As cores são pouco atraentes, sendo frequentes os castanhos e cinzentos em ilustrações que se tornam, à partida, pesadas e tristes.

O formato do livro (17 x 24), julgo, não vai de encontro às necessidades das crianças a que se dirige. Há páginas onde as actividades, forçosamente se condensam, limitadas pelo espaço.

Por último, a capa não me parece ter sido bem conseguida, já que o próprio título "Dominó dos números" permitia um jogo de imagem e cor bastante mais atraente.

Quanto ao 2º manual, "Matemática", e no que respeita a conteúdos, pode dizer-se que aqui todos os Blocos definidos no programa se encontram contemplados. É finalmente dada importância à Geometria e já são indicados novos materiais de apoio, salientados no novo programa.

Através duma linguagem clara e concisa as crianças realizam actividades (por vezes, autónomamente) que as levam a desenvolver o raciocínio, a capacidade de comunicação e as põem a resolver problemas, aspectos essenciais, que estão no espírito do novo programa.

Este manual faz parte duma série de obras para as diferentes áreas do 1º ano

do ensino básico e, por isso, nas páginas 2 e 3 é-nos apresentada a sua estrutura: trata-se de um corpo dividido em 16 unidades temáticas (englobadas por um índice), que, por sua vez, se interligam às restantes unidades temáticas das outras obras.

E para terminar, relativamente ao aspecto gráfico, (à excepção das expressões faciais dos personagens desenhados que são claramente feias), há a louvar alguns aspectos:

1 - A linguagem simbólica escolhida, para além de ser bonita, é apropriada;

2 - As cores são atraentes e adequadas;

3 - O formato do manual (21 x 28) adapta-se às necessidades do nível etário a que se dedica;

4 - Cada uma das 16 unidades temáticas abre com uma ilustração que ocupa meia página e segue-se de variadas actividades que ocupam espaços bem definidos. Nalgumas páginas, à laia de rodapé, são dadas algumas sugestões que ajudam o professor a explorar essas ilustrações e/ou actividades com os alunos.

5 - A capa é alegre e as imagens, facilmente identificáveis pelas crianças, permitem brincar com a matemática.

Diz-nos o Novo Programa que "a tarefa principal dos professores é con-

seguir que as crianças desde cedo aprendam a gostar de Matemática".

Essa tarefa, nem sempre é fácil. Será que os novos manuais a virão facilitar?

Manuais escolares que consegui obter e que conheci através da A.P.M, para além dos dois já mencionados:

Edições Asa
Brincar com números. Helena P. Pinto, Valentina Mota

Número Azul 1. Dinis Salgado, Teixeira da Costa

Quadrado Mágico 1. Ana Pinto, M. Aurélia Carneiro, M. Cerqueira Correia, Pedro Mesquita

Editorial O Livro
A Alegria da Matemática 0 / A Alegria da Matemática 1.

M. Isabel Loureiro e A. Gil
Matemática a sorrir. M. Isabel Loureiro e A. Gil

Lisboa Editora
Contas são contas. Gonçalo Machado
Plátano Editora

Estamos contigo na Matemática. Mili Pereira, Fátima Cruz, Luísa Destapado
Na Hora da Matemática. Moisés Coutinho

Porto Editora
Conta comigo... Nelson Timóteo, Conceição Marques

Descobrir os números 1 Conceição Neves, Rosa Costa

Novo Olá Matemática Manuel Ramalho
Retintim. Arlindo Miranda, C. Figueiredo

Lopes, Mário Ramiro
Raiz Editora
Vamos pensar. Diamantina Carmona, Elsa Aguilhar, Helena George, Lurdes Varela

Trabalho de grupo na Repartição de Finanças...

O marido de uma das minhas colegas é funcionário da Repartição de Finanças e certo dia, encontrando-me de passagem na rua, disse-me:

- Então agora pões o "pessoal" todo da repartição a resolver problemas de matemática?!

Confesso que fiquei paralisado e perplexo sem saber o que fazer. Tentei balbuciar algumas palavras enquanto procurava entender a sua pergunta. Após alguns segundos, lembrei-me que três dos meus alunos, de uma das turmas nocturnas que lecciono, são funcionários da repartição. Como não é muito habitual ouvir falar das actividades que desenvolvo nas minhas aulas (e muito menos que elas sejam discutidas fora da escola), procurei colher mais algumas informações para inteirar-me do que se passava, ao mesmo tempo que crescia em mim um certo temor de que o meu trabalho estivesse a ser rudemente criti-

cado — o que, aliás, acontece frequentemente nas pequenas cidades, onde os erros e os defeitos de cada um são discutidos em cada esquina.

Foi com grande alívio que fiquei a saber que algumas das minhas propostas de trabalho, para discussão em pequenos grupos, eram depois retomadas à hora de almoço. O interesse e entusiasmo desses alunos era tal que não resistiam à tentação de colocar aos seus colegas as situações problemáticas que tinham em mãos. Para indivíduos com idades entre os 30 e 40 anos, há muito afastados da escola e habituados a um tipo de ensino tradicional, aquela era uma forma estranha de aprender, mas o certo é que se empenhavam na discussão como se o trabalho também lhes fosse destinado.

Dizia-me esse amigo que, não raras vezes, os três colegas estudantes eram procurados para prestar esclarecimentos ou divulgar qual a questão que no mo-

mento estavam tratando. Fiquei plenamente convencido da veracidade das suas afirmações, e perfeitamente pasmado, quando ele resolveu relatar-me, rindo a bandeiras despregadas, algumas das historietas que eu, por vezes, no início de uma determinada unidade didáctica, contava, de modo a criar um clima de descontração e de boa disposição, servindo ao mesmo tempo de motivação para o trabalho que de seguida lhes iria propor.

Há dias, quando fui entregar o boletim para pagamento do I.R.S., reparei que havia um sorriso cúmplice em alguns funcionários, todavia fui imediatamente atendido e dispensaram-me uma atenção especial. Sei que tenho mais dez ou doze críticos das minhas aulas e sei que tenho que pagar o I.R.S., mas que importa... sei que estou no caminho certo!!

César Augusto Viana
Esc. Sec. Rafael Bordalo Pinheiro